

January 2009

A memória desenhada: identidades de um intelectual no interior de Goiás-Brasil

Wolney Honório Filho
Universidade Federal de Goiás, whonoriof@gmail.com

Follow this and additional works at: <https://ciencia.lasalle.edu.co/ap>

Citación recomendada

Honório Filho, W.. (2009). A memória desenhada: identidades de um intelectual no interior de Goiás-Brasil. *Actualidades Pedagógicas*, (54), 29-41.

This Artículo de Investigación is brought to you for free and open access by the Revistas científicas at Ciencia Unisalle. It has been accepted for inclusion in Actualidades Pedagógicas by an authorized editor of Ciencia Unisalle. For more information, please contact ciencia@lasalle.edu.co.

A memória desenhada: identidades de um intelectual no interior de Goiás-Brasil

Wolney Honório Filho*

Recibido: julio 1 de 2009

Aceptado: septiembre 25 de 2009

Resumo

Este artigo é uma reflexão sobre a história de vida de intelectuais no sudeste goiano, em especial, a história de vida e formação do professor Braz José Coelho, professor aposentado da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. Parte de uma indagação que venho construindo ao longo da vida de professor e pesquisador de História da Educação: onde estão os sujeitos da História Educacional deste país que pouco aparecem nos livros de História? Como os professores constroem histórias de si? O que demarca a formação de um professor? Antes de começarmos a entrevista, de forma brincalhona, Braz disse: “você pergunta e eu minto”, e segue risos. Eu disse: “a mentira faz parte da memória, não é?”. Daí em diante, a conversa tomou corpo, com o professor Braz falando simpaticamente sobre sua vida.

Palavras-chave: memória, identidade, história de vida, vida de educadores, autobiografia.

Resumen

Este artículo es una reflexión sobre la historia de vida de los intelectuales en el sudeste goiano, en especial, la historia de vida y formación del profesor Braz José Coelho, profesor jubilado de la Universidad Federal de Goiás, Campus Catalão. Este artículo forma parte de una indagación que vengo construyendo a lo largo de mi vida como profesor e investigador de Historia de la Educación: ¿dónde están los sujetos de la Historia de la educación de este país que poco aparecen en los libros de Historia? ¿Cómo construyen los profesores las historias sobre sí mismos? ¿Qué marca la formación de un profesor? Antes de comenzar la entrevista, de forma juguetona, dice Braz: “tú preguntas y yo miento”, y siguen risas. Yo digo: “la mentira forma parte de la memoria, ¿cierto?”. De ahí en adelante, la conversación tomó cuerpo, con el profesor Braz hablando simpáticamente sobre su vida.

Palabras clave: memoria, identidad, historia de vida, vida de educadores, autobiografía.

* Brasileiro. Doutor, Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, e Líder do NEPEDUCA – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Catalão. Email: whonoriof@gmail.com Orientando em Pós-doutorado da Prof. Dr. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, no Programa de Pós-graduação em Educação, FACED, PUCRS.

É preciso começar a perder a memória, ainda que se trate de fragmentos desta, para perceber que é esta memória que faz toda a nossa vida. Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria uma inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela, não somos nada.

Luis Buñuel, *Meu último suspiro*

A idéia deste texto começou com a leitura do livro, *História e Histórias de Vida – Destacados Educadores Fazem a História da Educação Rio-grandense* (Abrahão, 2004). De forma semelhante, o interesse pelas memórias e identidade de educadores em Catalão e no Sudeste goiano veio crescendo nos últimos anos com as pesquisas sobre histórias de vidas de ex-professoras e professores do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão¹ (Honório Filho, Alencar, 2008 e Honório Filho, Campos, 2007) E esta história, *A Memória desenhada*, se resume assim: liguei para o professor Braz² e tentei agendar uma primeira conversa, para apresentar meu projeto e idéias de pesquisa com professores de Catalão. Duas semanas depois, numa segunda-feira, no período da tarde, fui até a sua casa e lhe disse o porquê que gostaria de começar as entrevistas com ele³. Ali mesmo já iniciamos a primeira gravação. Porém, antes de começarmos, de forma brincalhona, Braz disse: “você pergunta e eu minto”, e seque risos. Eu disse: “a mentira faz parte da memória, não é?”. Daí em diante, a conversa tomou corpo, com o professor Braz falando simpaticamente sobre sua vida.

Foram duas tardes e 3 fitas cassetes de entrevistas sobre a história de vida e formação do professor Braz. Solícito e cuidadoso com as palavras, Braz, usando caneta e papel, veio destrinchando um caminho próprio de suas lembranças, desenhando no papel a visita que ora o convidei a fazer ao seu passado, à sua história de vida. Visita esta conduzida por um viés praticamente impensável por ele mesmo:

W - Braz, vamos começar você falando o seu nome completo, data de nascimento, só para a gente ter como registro aqui também.

B – Braz José Coelho. 30 de julho de 1938. Para você ter uma idéia, dois dias depois que mataram o Lampião – risos.

W – não esquece nunca, né?

B - ponto de referência

W – Braz, quem é Braz José Coelho?

B – Filho do Glicério Coelho mais a Maria Vaz Coelho, irmão de mais 9 pessoas, não é. Na verdade [...], eu nunca me fiz esta pergunta não⁴.

No meio das palavras respostas, um pequeno silêncio e uma constatação: ele ainda não havia pensado, de fato, numa fala que organizasse uma identidade de si mesmo.

Este artigo é uma experiência em duplo sentido: um saber conhecer sobre o trabalho autobiográfico e saber conhecer a mim mesmo como pesquisador em histórias de vida. Estou, usando uma expressão comum, “lançando-me à água” para aprender a nadar. Josso afirma que lançar-se a experiências dessa natureza é entrar numa pesquisa formadora tanto para o pesquisador quanto para o pesquisado (2004). Portanto, este texto compõe-se, à maneira musical, de uma inspiração amorosa, como um relato de uma experiência de pesquisa. Uma primeira leitura da relação formação do professor e história de vida⁵.

Mas, compõe-se também de uma vontade de conhecimento que se aproxima de uma linha teórica originada nas margens da História Oral, a qual explicita suas intenções de dar voz aos excluídos. Em outras palavras, parte de uma indagação que venho construindo ao longo da vida de professor e pesquisador de História da Educação: onde estão os sujeitos da História Educacional deste país que pouco aparecem nos livros de História? E mais, como os professores constroem histórias de si? O que demarca a formação de um professor?

Estamos a falar sobre o exercício de reflexão sobre as narrativas de si mesmo, ou seja, refletindo sobre a oralidade produzida no encontro provocado do entrevistado com seu entrevistador e consigo mesmo. Mais do que uma auto-reflexão,

1 Passaremos a utilizar a sigla CFPPC. –Centro de Formação de Professores Primários de Catalão.

2 Professor e escritor Dr. Braz José Coelho –Currículo disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3304391057611504>, acessado em 14/04/2009.

3 Além de ser de Catalão, o professor Braz foi um dos responsáveis pela criação e consolidação do Campus Catalão, hoje unidade da Universidade Federal de Goiás.

4 Entrevista realizada nos dias 16 e 23 de março de 2009, com o professor Dr. Braz José Coelho. As letras W=Wolney e B=Braz.

5 Esta é uma área de pesquisa que estamos desenvolvendo no projeto “Memória viva: produção de novas fontes históricas sobre a cultura educacional e a formação de professores no sudeste goiano”, através do grupo de pesquisa NEPEDUCA: (<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0106708RZHR8W7>, acessado em 14/04/2009)

é um narrar para si e para outro, frente a uma circunstância cultural, de entrevistador e entrevistado. Uma “construção da qual participa o próprio investigador” (Abrahão, 2004, p. 17).

Em 1971, Elias Canetti escreveu um texto chamado “O diário do Dr. Hachiya, de Hiroxima” (Canetti, 1990), onde faz o seguinte comentário:

Nesse diário, quase toda página é motivo para reflexão. Ali, se apreende mais sobre o fato do que em qualquer outra descrição posterior, pois se compartilha o caráter enigmático do acontecimento desde seu início: tudo é absolutamente inexplicável. Na fadiga de seu próprio estado, em meio aos mortos e feridos, o autor de início procura coletar peça por peça do ocorrido; suas hipóteses vão se modificando à medida que seu conhecimento aumenta, transformando-se em teorias que requerem experimentos comprobatórios (p. 220).

O diário trata dos fatos ocorridos logo após a explosão da bomba de Hiroxima. O testemunho do Dr. Hachiya, para Canetti, é, dentro do próprio texto, algo em transformação, que, na medida em que transcorrem os relatos, o autor vai tomando consciência do possível tempo presente e passado. O Dr. Hachiya fala do ocorrido e de si mesmo. E ao fazê-lo, demonstra, segundo Canetti, uma relação estável entre a postura do autor e a postura do ditador japonês na época (que ele chama de estrutura tradicional): “Ali, se apreende mais sobre o fato do que em qualquer outra descrição posterior”, diz Canetti na citação acima.

As narrativas sejam elas produzidas por intenção pessoal, colocando num diário suas impressões, memórias e lembranças, sejam provocadas por um interlocutor, entrevistador, produzem relatos individuais, mas com expressão fortemente social, contextual, histórica. Josso diz:

o trabalho biográfico não é um remoer do passado, mas uma reconfiguração do presente e do futuro graças a esse olhar retrospectivo de um lado e, de outro lado, ao fato de que cada evento ou contexto singular remete imediatamente para referenciais coletivos, quer se seja conscientemente disso ou não (Josso, 2006, p.11).

Neste processo de reconfiguração, o narrador⁶, ao alinhar sua narrativa, suas histórias, compõe um processo de re-construção de sua vida pessoal e social. Vasconcelos nos diz que “contar a própria vida é também contar uma época histórica,

um momento específico, um lugar, uma cultura formada de um coletivo de histórias” (2006, p. 63). A autora com isto mostra que o homem nunca é um ser isolado do mundo. A narrativa de si é construída tomando como referência lugares, pessoas, relações sociais. Quando o entrevistado fala, o seu testemunho vai transcorrendo como uma cortina sendo descerrada num palco de teatro ou cinema. No fundo, o tempo histórico desvelado pelas palavras, frases, expressões usadas. E também pelos gestos, acenos de mãos, piscadelas de olhos que lentamente vão mostrando o narrador no seu passado e, simultaneamente, o seu passado. O ser e o seu tempo, misturados e delineados por uma tênue mistura de memórias que são construídas nos interstícios das narrativas. Relatos pessoais e contextos, assim vão sendo tecidos, enunciando um tempo passado e o tempo presente do narrador. Enunciam também uma relação de mão dupla entre a história pessoal e a profissional.

Eis-nos de novo face à *pessoa* e ao *profissional*, ao *ser* e ao *ensinar*. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal (Nóvoa, 1992, p. 17. Grifos do autor).

No processo de resgate de história de vida de professores, e aqui em especial a do professor Braz, é possível perceber esta íntima relação entre a pessoa e a profissão. Se não vejamos:

W – tá, e o professor Braz, quem é?

B – eu acho que isso aí é a base, a base minha, se for pensar em termos de uma identidade, a identidade minha está aí. Porque hoje eu penso o seguinte: se não tivesse a sala de aula para eu trabalhar, se não tivesse todo o procedimento de estudar para aprender, de estudar para saber mais, estudar novamente para poder saber como é que vai fazer esse material e jogar isso dentro de sala de aula e discutir isso com o aluno e tudo mais. Se não tivesse isso, eu acho que minha vida seria vazia. Não teria, não teria sentido, não é? Não consigo viver sem ter sido professor, sem ser professor, porque embora aposentado, ainda sou professor, dou as minhas aulinhas. Agora, como começou isso, eu acho que isso aí vai se organizando sem a gente perceber, certo?

Mas, chegar até aí, a esta identidade de professor, não foi algo simples nem foi como um resultado anunciado no início da linha de um processo histórico de vida. Houve con-

6 O termo “narrador” aqui quer dizer aquele que narra, conta sua história. No caso específico, o entrevistado.

flitos, medos, erros, acertos. Podemos dizer que esta consciência identitária ainda está em processo, marchando nos veios reconstruídos das lembranças ainda vivas e possíveis de serem narradas.

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor (Nóvoa, 1992, p.16).

Essa perspectiva, de que a identidade não é um dado adquirido é também confirmada por S. Hall (2005, p.13):

a identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são edificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções (Apud Ataíde, Bandeira, 2006, p. 319; *grifo do autor*).

MÚLTIPLAS FACES DO PROCESSO IDENTITÁRIO

*Eu hoje tive um pesadelo e levantei atento, a tempo
Eu acordei com medo e procurei no escuro
Alguém com seu carinho e lembreide um tempo
Porque o passado me traz uma lembrança
Do tempo que eu era criança
E o medo era motivo de choro
Desculpa pra um abraço ou um consolo
Hoje eu acordei com medo mas não chorei
Nem reclamei abrigo
Do escuro eu via um infinito sem presente
Passado ou futuro
Senti um abraço forte, já não era medo
Era uma coisa sua que ficou em mim, que não tem fim
De repente a gente vê que perdeu
Ou está perdendo alguma coisa
Morna e ingênua
Que vai ficando no caminho
Que é escuro e frio mas também bonito
Porque é iluminado
Pela beleza do que aconteceu
Há minutos atrás⁷*

Para abordar as múltiplas faces do processo identitário, na construção do professor, optei por um viés biográfico, também conhecido como autobiografia (histórias de vida). Trata-se do

trabalho de construção (oral ou escrita) de uma narrativa sobre a própria vida, realizado por um sujeito em formação, com a finalidade de apresentar, a um ouvinte e/ou leitor pré-determinado, a história de sua trajetória pessoal (Silva & Costa, 2008, p. 54).

Capturar numa história de vida a multiplicidade de acontecimentos, sentimentos, valores, relações sociais e sintetizar tudo em outra narrativa histórica é um desafio. Significa extrair uma ordem de uma desordem tanto sincrônica como diacrônica. Para Moita, a abordagem biográfica

permite compreender de um modo global e dinâmico as interações que foram acontecendo entre as diversas dimensões de uma vida. Só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos. Numa história de vida podem identificar-se as continuidades e as rupturas, as coincidências no tempo e no espaço, as “transferências” de preocupações e de interesse, os quadros de referência presentes nos vários espaços do quotidiano (Moita, 1992, pp. 116-117; [*grifo do autor*]).

Não é difícil entender a importância desse desafio de construção identitária do professor. A crise de identidade que vem assolando os professores e professoras, no país, está relacionada também ao mito do enriquecimento fácil, lotérico, que conta e faz ver apenas resultados de alguns que com muito esforço e sorte se deram bem na vida. Esquece, por sua vez, principalmente os meios de comunicação de massa, de evidenciar, estatisticamente, que quem estudou e se graduou, sejam professores ou não, a maioria que passa por processos estruturais de escolarização (ensino fundamental, médio e superior) alcançam posições sociais e de trabalho melhores do que aqueles que não estudaram suficientemente. Além disso, resgatar a identidade singular do professor, na pluralidade de experiências de formação, significa, entre tantas possibilidades, contribuir para a luta contra o esquecimento.

7 Música: *Poema*. Letra de Cazuzu e Frejat (fonte: <http://letras.terra.com.br/ney-matogrosso/169321/>, acessado em 14/04/2009). Canta Ney Matogrosso (fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=cpHW0rs27ek>, acessado em 14/04/2009).

Cabe lembrar também que durante todo o século XX, o pêndulo das interpretações das Ciências do Humano⁸ esteve hegemonicamente inclinado para interpretações deterministas das concepções funcionalistas, marxistas e estruturalistas do indivíduo. A perspectiva biográfica ganha um entusiasmo especial quando da “reabilitação progressiva do sujeito e do ator” (Josso, 2004, p.20).

PROFESSOR BRAZ: A PESSOA E O PROFISSIONAL EM SUAS HISTÓRIAS E LEMBRANÇAS

A prática de ouvir histórias é uma marca na história de vida do professor Braz. Posso dizer também que a arte de contar histórias tem uma forte ligação às histórias ouvidas desde menino do pai Glicério Coelho. Mais ligado ao pai do que à mãe, Braz destaca que a alfabetização do pai, nos padrões da época, foi um elemento diferenciador dessa ligação entre eles:

A minha mãe era analfabeta. Nos padrões da época, ela não era, porque sabia assinar o nome, certo. Mas ela não era capaz de escrever um bilhete e nem ler um bilhete. Agora, o meu pai estudou 3 anos apenas, não é. Segundo a memória dele, que ele me falava, ele estudou o primeiro livro, o segundo livro e o terceiro livro. Era livro. O professor era um tio dele, que tinha uma escolinha. E esse tempo que o meu pai estudou parece que valeu para muito mais tempo de estudo, porque ele tinha uma vontade assim muito grande de conhecimento das coisas e a leitura para ele era um ponto fundamental. Inclusive gostava demais de literatura. Ele sabia de cor poesias. É, eu, por exemplo, vim a saber quem era Érico Veríssimo através dele. Porque ele lia os livros e contava pra gente quando eu era menino, ele contava as histórias do livro, como se fosse assim, uma coisa que alguém, amigo dele que tava ali e aquelas histórias todas. O personagem, por exemplo, Vasco, do Érico Veríssimo, parece que ele gostava muito desse personagem, então ele falava demais nesse personagem⁹.

Mas esta relação não para por aí, não se vincularam apenas no fato do pai ler e gostar de literatura, poesias. A experiência de boiadeiro do senhor Glicério também foi marcante nos primeiros anos de vida do menino Braz.

A outra relação maior com meu pai é que meu pai era peão de boiadeiro. Então ele pegava a boiada pra conduzir, é o que a gente chamava de comissário, ele pegava por comissão, ele tinha uma comituzinha. Ou quando não era boiada ele pegava marruazinho para vender. Aí ia de fazenda em fazenda pegando esses marruazinho, tocando e vendendo. Eu tive uma participação muito grande nessas viagens com ele, a partir dos 12 anos até os 15 anos. Uns 3 ou 4 anos, eu viajei muito com ele na época das férias. Ou buscando boiada aqui para a charqueada do Margon, ou então vendendo marruazinho.

A presença de livros em casa e as histórias contadas pelo pai, vividos nos primeiros oito anos de vida numa fazendola, na época, ainda município de Ipameri, mas hoje município de Campo Alegre, GO, foram marcantes no menino Braz para desenvolver os primeiros gostos pela leitura.

Isso de 40 a 46, que foi quando nós mudamos para cá, essa época, propriamente da guerra, por exemplo, a gente morava nessa fazendola, mas tinha livro lá. Coisa rara, que maior parte das famílias na cidade não tinha, certo? Por exemplo, eu conheci Monteiro Lobato lá. Eu não sabia ler. Mas a minha irmã, a Nezinha, que sabia ler, já lia, à noite, lia a Reinação de Narizinho. E a gente via as ilustrações feitas pelo próprio Monteiro Lobato. Esse ambiente, para mim, eu acho que foi fundamental.

As primeiras letras vieram ainda quando moravam na fazenda. Inicialmente, aprendeu as vogais com os irmãos mais velhos: “como naquele tempo, principalmente lá na fazenda, a gente não tinha nada que fazer à noite, a não ser contar história, ou inventar uma brincadeira. Então uma das brincadeiras era justamente esse negócio de ser alfabetizado”. Na época, o senhor Glicério tomou a iniciativa de encampar um movimento, com outros fazendeiros, de contratar um mestre escola. Foi a primeira experiência com Escola, que funcionava no “quartinho da sala”, lugar “onde que guardava os mantimentos, guardava as arreatas, aquelas coisas toda”. Braz, na época, era muito pequeno, por isto não foi aluno regular desse modelo de escola rural. Mas, segundo ele, não deixava de aparecer, vez ou outra, naquela sala.

Estas visitas, à sala/escola, lembram-no do Traslado, que era o método de ensino utilizado pelo mestre escola.

8 Para Josso, Ciências Humanas incluem a física, matemática, biologia e todas as demais ciências. Por isto, o uso do termo Ciências do Humano. Ver em Josso, 2004, p.19.

9 Entrevista realizada nos dias 16 e 23 de março de 2009, com o professor Dr. Braz José Coelho.

O traslado era o seguinte: o professor entregava uma, um manuscrito, né, um manuscrito para o aluno e o aluno ia trasladar aquilo para o caderno dele, copiando aquilo. Então era chamado traslado. E aí ele tinha mais ou menos que imitar aquela letra, certo. Então eu lembro muito desse traslado. Eu lembro isso porque depois eu brincava de traslado, certo. Eu pegava um pauzinho qualquer, pegava uma, um recipiente de vidro qualquer, botava água e colocava lá um pauzinho como se fosse a caneta no tinteiro, e ficava brincando com isso. É, essa era uma das formas de se aprender. O traslado era não só para aprender a ter uma boa letra, porque era necessário ter uma boa letra na época, porque tudo era na base da escrita. Mas também, o traslado era uma espécie de ponto a respeito de um determinado assunto. Por exemplo, né, Os Estados do Brasil. Então tinha um traslado que começava O Brasil é um país que contém tais estados, estado tal, capital tal. Na medida em que o aluno tava copiando aquilo, ele tava decorando, memorizando aquilo, tava aprendendo também. Alguns dos traslados vinham, por exemplo, até regras de português. Alguns vinham inclusive para você ir copiando é, enunciados de problemas de matemática.

Interessante anotar a presença da brincadeira nos primeiros passos da aprendizagem letrada. Eu, por exemplo, me lembro do meu irmão, primos e primas, que tinham a idade próxima à nossa, e eu, sentados em cadeiras, de frente a um pequeno quadro negro, numa pretensa sala de aula, montada no quintal da casa de minha tia. Brincávamos de aula, de dar aula. Provavelmente isto deva ter marcado a mim, assim como marcou ao professor Braz.

A ESCOLARIZAÇÃO FORMAL E A MUDANÇA PARA CATALÃO

A primeira experiência formal de escolarização começou no Externato São Sebastião, de propriedade particular de Maria Aparecida Barbosa e as irmãs, Dona Gercília Barbosa e a Dona Alba Barbosa, a caçula delas. “A escola não tinha na época, ela não tinha um prédio próprio. Então a gente ficava cada ano, num prédio diferente. Elas alugavam casas e transformavam as salas, os quartos, a cozinha, tudo em sala de aula”. Os bancos que eram colocados em fileira nas salas, respeitavam os anos escolares: a primeira fila para o primeiro ano, a segunda, o segundo ano e assim sucessivamente. “Isto porque os primeiros anos eram mais novos e faziam mais bagunça. Por isso tinham que ficar mais na frente”.

Segundo Braz, o único livro que era trabalhado era a cartilha. “Os outros não eram livros, a gente tinha um caderno e copiava os pontos que a professora ditava, ou que a professora passava no quadro negro. Geralmente eram ditados os pontos”. Vez ou outra, os alunos ficavam em fila, em pé, encostados na parede. Os da frente eram os que mais sabiam os pontos.

A professora chega e perguntava para o primeiro da fila uma coisa, fazia uma pergunta e ele tinha que responder. Se ele não respondesse, passava pra frente. E isso ia passando. Se eu, por exemplo, tivesse lá no terceiro lugar e respondesse eu passava o primeiro. Então a coisa era feita dessa forma, né. Geralmente quem respondia não era o primeiro, porque o primeiro já assustava logo com a pergunta e os outros tinham tempo de pensar na resposta, certo? Isso inclusive tabuada, tabuada, história, geografia [...] então essa fila era móvel.

Esse não era um sistema exclusivo de avaliação. Talvez mais um sistema de compensação e reconhecimento de quem sabia e quem não sabia. Estes, os que não sabiam, poderiam inclusive ficar de castigo, de joelho, voltados para a parede e de braços abertos. E os pais estavam cientes do tratamento que os filhos tinham na escola. Aliás, a Escola ficava responsável pela criança, no período que ela ali permanecesse. Inclusive para puni-la em caso de desobediência e outros.

Quando meu pai nos levou lá para ser matriculado, né, ele conversou com a professora, a Dona Aparecida, e virou para a Dona Aparecida e falou assim: *Oh, eles vão ficar aí. A senhora é responsável por eles. Então, se precisar bater, bate; se precisar castigar, castiga*. Isso era normal, certo? Os pais falavam isso para a professora. Então se a professora puxasse a orelha, ou desse um castigo, ou dava umas reguadas na cabeça de alguém, ou coisa assim, não adiantava falar para os pais não. Os pais viravam e falavam assim: *não, da próxima vez você fica mais quieto*. (Risos).

Apanhar era comum em casa e isto acontecer na escola não era visto como problema, pois a escola era uma extensão do cuidado com a criança das práticas educativas que tinham em casa. Portanto, apanhar na escola não era tido como agressão ou coisa do gênero. “Isto era uma forma de educar as pessoas”.

Esta escola era particular e os pais pagavam para seus filhos estudarem lá. Os professores eram de uma família,

uma empresa familiar. De acordo com as lembranças do professor Braz, havia apenas uma escola pública em Catalão nesta época, nos anos 40.

No final da quarta série, Braz fez a prova de admissão para entrar no Colégio São Bernardino de Siena, no início dos anos 50. Este exame não era feito pelos professores dessa escola, mas sim por outros professores de outras escolas, mais um representante federal, chamado Roldão Pires, funcionário federal, que trabalhava como fiscal na charqueada, em Catalão. Portanto, a banca era composta por dois professores e um funcionário público federal, tendo uma função de inspetor federal.

Cada um fazia pergunta oral e na frente de todo mundo. Se era o caso de matemática, por exemplo, eles jogavam um probleminha no quadro e a gente tinha que resolver o problema lá no quadro, na frente de todo mundo. Então só essa situação da gente estar na frente de todo mundo, na frente de 3 professores, que a gente não conhecia e na frente de um punhado de alunos, que também não conhecíamos, porque eram de outra escola. E, às vezes, até os pais iam lá para ver, porque estavam interessados, porque era uma espécie de pequeno vestibular, a gente já entrava tremendo nas bases. Então eu não sei se estava tremendo nas bases ou se eu não sabia mesmo, então eu fui reprovado.

Mas o Ginásio Siena ofereceu curso de recuperação para os não aprovados. “Nesse curso de admissão, eu fui aluno do professor Chiquinho. Fui aluno da Dona Mariazinha¹⁰[...] “O professor Chiquinho dava aula de matemática e outras matérias. E a Dona Mariazinha, geralmente História e Geografia”¹¹. Com este reforço, Braz diz ter conseguido entrar no Ginásio São Bernardino de Siena.

Esses primeiros anos de escolarização do professor Braz foram marcados por um aprendizado diferenciado do latim, desenho, participação no coro da Igreja, bem como fortes relações com alguns professores, tais como Dona Mussolina, Antônio Salles, Agnaldo Netto Campos. Marcante as estratégias metodológicas do professor Agnaldo, com as oficinas e formação de grupos. Muito religioso, o professor Agnaldo foi determinante na direção do professor Braz para ir fazer o seminário. Esse período, no Ginásio Siena, foi quando juntaram, portanto, o gosto pelo latim e a leitura, aulas de

desenho e o aparecimento de uma perspectiva religiosa sedutora ao jovem Braz.

Ele tinha uma bibliotequinha razoável, né, e resultado: ele passou a me emprestar livros. Por exemplo, Machado de Assis eu li grande parte do Machado de Assis foi com ele. Me parece que alguns livros do Dostoiévski eu li também porque ele me emprestou. A influência foi tão grande que quando ele foi para o seminário, ele foi, eu fui também, nós fomos juntos para o seminário lá em Agudos, quando eu terminei a quarta série.

A ida para o seminário esteve fortemente relacionada a estas influências escolares. Mas também devido ao ambiente religioso no qual o professor Braz cresceu. Por si este não é um fator determinante, pois a porcentagem de jovens que foram estudar para padre foi pequena na sua época. Aí está justamente uma questão intrigante sobre o entendimento das decisões e caminhos que um sujeito toma na história da sua vida. O meio ambiente religioso, demarcado nas lembranças do professor Braz pelo sino da Igreja, que anunciava a grande parte dos acontecimentos sociais religiosos, tais como casamento, morte, missa, etc., acrescido da presença de professores autodidatas, com domínio de conhecimentos em áreas atraentes ao jovem Braz pode ter sido uma conexão, entre outras, da escolha pelo seminário. O professor Antônio Salles, fora seminarista também em Agudos, depois de ter saído de Catalão, foi professor na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), depois Europa e quando se aposentou pela Universidade de Brasília (UnB) foi morar em um mosteiro. O professor Agnaldo era muito religioso e representava um perfil de homem sábio. Se a busca de conhecimento tomou tempo e espaço nas pretensões do jovem Braz, o que mais, ou em qual instituição ele poderia ir buscar a realização deste sonho? O seminário foi uma alternativa segura naquele momento, final dos anos 50, com aproximadamente 18 anos de idade.

Mas o seminário não foi uma longa experiência. De início, quando da decisão de ir para o seminário, não houve resistência da família.

Por exemplo, o meu pai não tocou no assunto. Quando eu falei que eu queria ir para o seminário ele falou que não tinha problema. Minha mãe também não falou nada. Meus irmãos também. E a sociedade também,

10 Estes dois professores são irmãos e foram importantes na memória educacional em Catalão. O professor Chiquinho ainda está vivo (abril de 2009).

11 Entrevista realizada nos dias 16 e 23 de março de 2009, com o professor Dr. Braz José Coelho.

hoje se falava caçoar, mas a sociedade também não. E, resultado: nesse momento em que eu já estava pensando em ser seminarista aí já não tinha mais essa questão, por exemplo, de namorada, não tinha mais questão de baile [...] aquilo para mim já não tinha o valor que tinha antes quando eu não tinha essa idéia.

O celibatário foi assumido antes de entrar para o seminário. Cabe lembrar ainda a presença da ação católica, uma militância religiosa traduzida pela criação, pelo professor Agnaldo, da Juventude escolar católica (JEC) e Juventude Operária Católica (JOC), nas dependências do Ginásio Siena.

A ida para o seminário foi financiada pelos padres norte americanos. Eles Consideravam um investimento importante enviar um rapaz para o seminário, formar-se padre e retornar para sua cidade natal.

No seminário, havia duas correntes internas: a primeira dizia que é necessário evangelizar para humanizar. E a segunda, humanizar para evangelizar. Braz diz que foi atraído por esta segunda corrente. Tratava-se da tendência, ainda fraca, segundo Braz, da Igreja voltada para os pobres.

Mas, como foi dito acima, Braz ficou pouco tempo no seminário. “Eu acredito que uma das coisas que me fez sair do seminário foi o comportamento rigoroso demais”. Além disso, o rigor também atribuído ao estudo, às exigências de aprendizado foram “muito fortes”, indicando uma dificuldade de acompanhamento. Ele considera que estava atrasado em relação aos outros alunos. Por exemplo, embora em Catalão fosse um dos melhores alunos de Latim, no seminário isto tinha outro significado, pois os colegas já eram capazes de ler em Latim sem necessidade de dicionário. “E muitos deles até já falavam em Latim. E eu, quando muito, dava conta de algumas coisinhas, e assim mesmo com o dicionário”. Criado solto, Braz diz ter experimentado um sistema que o tolheu, o limitou e tentou distanciá-lo de um modo de vida que ainda era muito forte em sua consciência: a liberdade.

A saída do seminário fez o professor Braz abandonar, paulatinamente, as práticas, ritos religiosos. A influência da corrente católica que pregava a humanização para a evangelização o levou também a conhecer, através do irmão mais velho, as idéias do socialismo, muito ligadas ao partido comunista, que apesar de não ter sido filiado, foi simpatizante.

Eu praticamente me afastei da Igreja. Em termos de procedimentos, de comportamento religioso e mais tarde, a partir de vários estudos [...] estudando filosofia, estudando depois questão de ciências, essas coisas todas, eu acabei me afastando também da própria doutrina religiosa. Hoje eu não tenho nenhuma doutrina religiosa, a não ser aquela que ficou que às vezes tem o [...], não tem jeito de tirar. Eu costume brincar muitas vezes que a gente pode ser ateu, mas tem dois mil anos de Jesus Cristo nas costas. [...] para mim a existência de Deus não é um agnosticismo, ele pode existir, ou pode não existir. Pra mim é impossível eu compreender a existência dele, que possa existir. Como eu não tenho essa fé, então sinceramente é ateu mesmo.

Fora então do seminário, Braz se viu na obrigação de arranjar trabalho e ganhar dinheiro para financiar o seu sustento. Dá-se outra mudança em sua vida. Mudam as idéias, o comportamento, as pessoas com quem passa a se relacionar. Ao sair do seminário, passa poucas semanas em Catalão e vai para Goiânia, continuar os estudos, onde se matricula no Liceu, à noite, e arruma emprego.

A herança que carregou do aprendizado do Latim o ajudou a se aproximar do diretor do Liceu, o padre Serra. Braz foi vender fogão e vender seguro para a empresa Sul América durante o dia e estudar à noite. “Eu era praticamente um moleque dali, o grau mais baixo possível. Então eu é que varria, eu é que espanava, eu é que fazia essas coisas todas. Mais ainda, eu assinava um recibo que recebia um salário mínimo, mas o cara me pagava só metade”. O trabalho era duro e de baixa remuneração. Do trabalho ia direto para a escola, geralmente sem jantar. Oito meses depois ele adoeceu e voltou para Catalão.

Ele passou praticamente um ano sem estudar. Quando retorna aos estudos, em Catalão, vai cursar o técnico em contabilidade na Escola Wagner Estelita Campos. “A idéia era ir fazendo o técnico, até eu ter condições de voltar para Goiânia”.

Assim ele foi ficando em Catalão. O primeiro emprego, por volta de 1959, centenário de Catalão, nesta nova fase, foi de bibliotecário, à noite. “Como quase pouca gente ia lá, rapaz, mas que coisa boa. Li que não foi brincadeira”. Ele ganhava para poder ler e isto foi de grande valor em suas considerações.

Nesta época, foi quando começou também a produzir seus primeiros escritos, tais como artigos para jornais, crônicas e fundamentalmente contos. Outra produção que marcou este período foi uma novela que escreveu e que, segundo ele, deveria se chamar “O centenário”. Tratava-se de uma perspectiva contrária ao imaginário dominante em Catalão durante o centenário da cidade, de que as coisas estavam mudando, crescendo, se desenvolvendo. O olhar do professor Braz via que isto era apenas discurso, pois o emprego, que era fundamental na vida de um homem, não existia para todo mundo. Algum tempo depois, inclusive, muda o título da novela para “O homem e sua família”. Toda essa primeira produção foi durante o curso de contabilidade.

Depois que eu montei o escritório de contabilidade. Ele não me dava muita coisa não, porque a cidade também não dava muita coisa. A cidade, para você ter uma idéia, Catalão estava num cotovelo. A estrada de ferro saía lá de Belo Horizonte e chegava a Goiandira. Aqui está Catalão (ele desenha o mapa no papel). E morria aqui em Goiandira. E vinha outra estrada de Ferro, lá da Mogiana, aquela coisa toda, passava por Araguari, chegava a Goiandira e ia para Anápolis. Catalão estava aqui (indica o mapa), separado. Então Catalão estava decaindo. Catalão só melhorou um pouquinho com Brasília, quando foi feito a BR 050 que passou aqui. E passou aqui principalmente por causa do Wagner Estelita Campos, a escola onde eu estudei. Ele foi deputado federal, mas na época ele era diretor do Departamento do Servidor Público Federal (DASP) [...] então não era passar propriamente por aqui, certo e ele é que convenceu que passando por aqui seria mais interessante, que a estrada teria que ser mais reta possível, igual à Belém Brasília. A idéia era essa.

Com a construção da estrada, BR 050, Braz e um grupo de amigos vão fazer vestibular em Uberlândia, sendo aprovado no curso de Direito, da Escola de Direito Jassy de Assis. Faz o curso durante 4 anos, abandonando no último ano, quando ele decidiu-se ir para Goiânia. “Eu não gostava de Direito. Direito foi muito importante para mim no sentido de abrir minha cabeça [...] mas eu não queria essa profissão para mim e sabia que eu não iria ser um bom advogado”. Em Goiânia, faz o vestibular em História e Geografia e também fica na estrada, indo e vindo, Catalão–Goiânia, para fazer o curso, assim como foi o de Direito. As faltas eram negociadas com os professores. Mesmo assim, o curso na Universidade Federal de Goiás (UFG) em Goiânia estava ficando muito caro, por conta da viagem. Portanto, novamente largou um curso superior.

A prática da escrita vai ganhar fôlego quando o professor Braz volta então para Goiânia para fazer o vestibular em Letras. É aprovado e inicia em 1968, o qual consegue finalmente ir até o final. Ele diz: “já já era o gosto também pela leitura, o gosto pela língua, pela escrita e o início de algumas aulas que eu dava aqui em Catalão”. Em 1972, com o título na mão, faz concurso para o Colégio de Aplicação, da Universidade Federal de Goiás, no qual fica em segundo lugar, não ocupando o cargo imediatamente, pois só tinha uma vaga;

mas o professor Wendel, que dava aula lá, conseguiu uma licença para fazer o doutorado dele na USP. Ele saiu e eu entrei. Como ele conseguiu a licença só no ICHL (Instituto de Ciências Humanas e Letras) e não lá, lá ele abandonou e eu entrei no lugar dele. E também nesse mesmo ano eu comecei o meu mestrado.

Este curso de Mestrado foi fruto de um convênio entre a UFG e a USP para qualificar os professores da UFG na própria casa, diminuindo as despesas de deslocamento e o tempo de qualificação da grande maioria.

O mestrado aparece como um novo salto na qualificação e formação profissional do professor Braz, orientado e influenciado pelo professor Cidmar Teodoro Paes. Professores da USP como Alfredo Bosi, Erasmo de D’Almeida Magalhães são lembranças fortes desse período do mestrado em Linguística. Isto foi uma surpresa, pois para o escritor de artigos, crônicas e contos era de se pensar que o mestrado seria em Literatura.

Eu vi na linguística também aquela coisa que eu como professor de português, eu via muitas explicações da estrutura da língua na base da gramática, e eu não concordava muito com aquilo porque eu achava que aquilo não tinha uma argumentação, e não tinha um respaldo empírico, vamos assim dizer. E quando eu comecei a estudar a linguística, inclusive no próprio curso de graduação, eu comecei a encontrar isso, porque já já estava trabalhando em termos de ciência,[...] e eu vi na linguística também aquela possibilidade de entender a própria literatura por um viés mais científico, mais objetivo.

Apesar de escritor com uma farta produção literária, Braz se encontrou na Linguística, desde aquela época, “até hoje”.

Nesse período, ligando o mestrado e a escola de aplicação, ele também se vinculou à Universidade Católica de

Goiás: “em 1973, eu fiz um concurso para o departamento de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL). Passei e comecei a trabalhar no ICHL também. Em 1974, eu deixei o Colégio de Aplicação”. No Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), a contratação inicial foi por 12 horas, passando para 20hs quando terminou o mestrado. Anos depois, consegui as 40hs e a Dedicção Exclusiva veio quando ele tornou-se responsável pela criação do Curso de Letras em Catalão, em 1986.

Aí eu fiz uma chantagem, porque eu era uma peça mais ou menos é, vamos dizer assim, meio necessária, porque eu conhecia a cidade, conhecia o pessoal daqui, tinha um conhecimento da política local e além do mais eu era parente do Prefeito. Os outros professores que poderiam vir para cá eram todos professores que não conheciam Catalão [...] então eu fui de cara o indicado, perguntaram, eu falei que queria [...] na hora mesmo da coisa aí eu fiz a chantagem. Eu falei assim *eu vou, mas eu quero Dedicção Exclusiva*. Aí me deram, Dedicção Exclusiva.

Esse vínculo profissional com uma Universidade Federal, a Dedicção Exclusiva, era muito difícil de adquirir naquela época. Daí entende-se o porquê dessa forma de se referir à Dedicção Exclusiva como uma conquista negociada a “ferro e fogo”.

Indagado das possíveis dificuldades em ficar viajando, sair do seio familiar para ir trabalhar em outra cidade, Braz diz que já estava acostumado, pois participara do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (PREMEM), nas cidades de Morrinhos e Porto Nacional. Durante o PREMEM, Braz teve oportunidade de vir para Catalão, mas não quis. “Catalão eu não quis, porque na época havia ainda alguns resquícios de quem estava na base da política aqui, dominando a política, pessoas que andaram me perseguindo na época, quando eu morava aqui, assim que surgiu o golpe militar, em 64”. Essa perseguição foi motivo inclusive do professor Braz sair de Catalão. Ele nunca foi preso, mas recebeu telefonemas, em Goiânia, ameaçadores. Perseguições e ameaças que iam do escritório de contabilidade, em Catalão, ao terror criado dentro da Universidade.

Naquela época toda Universidade tinha um coronel, com gabinete e tudo lá dentro, né. Um coronel mesmo do exército que praticamente quando se ia fazer alguma

coisa maior tinha que passar por ele. Eu lembro que o Jorge Amado, por exemplo, foi em Goiânia, não sei por que, ele ia lá para Goiânia, e parece que ficar uns 3 ou 4 dias lá, talvez passeando, não sei. E nós descobrimos isso e resolvemos convidar o Jorge Amado para dar uma palestra. Não é todo dia que você tem um escritor desses, [...] Resultado, mas ninguém pensava nisso, que tava provocando coisa. Rapaz, depois nós tivemos que pedir ao Jorge Amado desculpas, porque o coronelão lá gritou *vai todo mundo pra cadeia* [...]

mas eu recebi telefonemas, tipo assim: *hoje nós vamos prender alguém lá no campus, é bem melhor você não ir não, quem sabe se você tá na lista*. Quem é que falou isso? Eu não sei. Mas eu recebi o telefonema.

As perseguições em Catalão eram de um caráter diferente das ameaças em Goiânia. Na primeira evidenciava problemas com a política local. Na segunda, um regime militar autoritário que não só criou terror, mas torturou e matou estudantes e professores universitários.

E foi assim que ele foi designado responsável pela abertura do curso de Letras no Campus Avançado de Catalão. Braz relaciona os projetos de Campi avançados com o Regime Militar: “o Campus avançado era uma espécie mais ou menos daqueles Fortes que nós tivemos lá nos Estados Unidos, na marcha para o oeste”. No caso dos campi avançados, seria um local de cultura. Mais ainda, de aculturação das cidades do interior, alargando as fronteiras culturais, através da criação de Cursos Superiores.

Um embate marcante e que podemos considerar extraordinário para o caso do Campus Catalão e talvez Jataí também, foi a transformação desses campi avançados de locais de extensão universitária, para estagiários, para unidades acadêmicas, com a criação de cursos de graduação¹². A primeira proposta era criar uma turma em cada cidade e quando aquela turma se formasse, a universidade iria para outra cidade. A Reitoria na época não queria fixar a universidade numa cidade do interior.

O professor Braz foi um dos responsáveis, para não dizer o idealizador, da criação de condições para que não pudessem, quando criados os cursos, voltar atrás e extingui-lo com

12 O termo unidade acadêmica é utilizado no sentido de mostrar uma extensão da graduação da UFG em Goiânia para Catalão. Estas unidades não eram autônomas, tendo a presença de um professor de Goiânia na coordenação dos cursos, como foi o caso do professor Braz. Outros autores chamam este processo de interiorização do ensino superior. Ver em SILVA, 2009.

a formação da única turma. O projeto era transformar Catalão numa unidade permanente e que fosse criando novos cursos¹³. Criado em 1986, o Campus Catalão não teve apoio do Ministério da Educação e Cultura (MEC)¹⁴ para contratar professores, o que fez com que os professores, concursados pela Universidade Federal de Goiás (UFG), fossem contratados pela Prefeitura Municipal de Catalão. Esse vínculo, entre a Prefeitura e a Universidade, foi firmado através de convênio. A estratégia do professor Braz foi propor convênios de 5 anos. Como os cursos eram de 4 anos, quando formasse a primeira turma, ainda existiria mais um ano de convênio, o que abriria vagas para outro vestibular. Com a criação de outros cursos, Pedagogia e Matemática, em 1988, ampliam-se a responsabilidade da universidade no interior e demanda-se a assinatura de novos convênios. Isto criou um ciclo que não teve mais volta, rompendo, na raiz, com a concepção de curso itinerante.

Em 1990, Braz foi nomeado Diretor do Campus Avançado de Catalão, ficando no cargo até 1994. De 2000 a 2005 ele cursou o doutorado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP). Hoje, aposentado, o professor Braz continua dando aula para o curso de Letras do Campus Catalão de forma voluntária.

TRANS-FORMAÇÃO DE SI

O professor Braz fala pausadamente. Fala fundamentalmente usando palavras e mãos. Fala com as mãos, escrevendo.

No final da entrevista, ao pegar a folha de rascunho, percebi ali um mapa da memória trançada. Ao falar escrevendo, ou melhor, desenhando, para seguir um palpite que ele mesmo deu, quando disse ter tido na infância facilidade com desenhos, caricaturas, Braz estabelece um canal de comunicação entre ele e seu passado. Isto é tão vivo na sua maneira de falar, de lembrar, que é possível dizer que sem esta prática de desenhar a memória, seria impossível lembrar. Ou seja, a lembrança estaria presa, subjugada a um detonador: o desenho, o rascunho, a escrita.

Não é demais lembrar que a experiência da escrita é uma marca na história de vida e formação do professor e escritor Braz José Coelho.

Num primeiro momento, quando estamos fazendo a primeira pergunta e começando a ouvir as primeiras palavras do entrevistado, a impressão é que a narrativa histórica que se inicia irá ser estática, anunciando fatos, algo que se tem, que se adquiriu ao longo de uma linha do tempo da história de vida. Porém, o entrevistado não é apenas um objeto da formação, mas também o sujeito. Isto dá uma dimensão dinâmica ao relato, pois é possível perceber que as histórias contadas estão cheias de transformações na vida de uma pessoa. Transformações em que os(as) entrevistados(as) são sujeitos. Estes são *momentos charneira*, de que nos fala Josso (2004).

Ora, temos aqui duas questões a considerar: primeiro a de que a formação do sujeito, em específico a do professor, não se restringe aos conhecimentos adquiridos. Uma pessoa não é apenas o que ele conhece. Josso diz:

Pensar a formação do ponto de vista do aprendente é, evidentemente, não ignorar o que dizem as disciplinas das ciências do humano. Contudo, é, também, virar do avesso a sua perspectiva ao interrogarmo-nos sobre os processos de formação psicológica, psicossociológica, sociológica, econômica, política e cultural, que tais histórias de vida, tão singulares, nos contam. Em outras palavras, procurar ouvir o lugar desses processos e sua articulação na dinâmica dessas vidas (2004, p. 38).

Em pauta está também a forma como o sujeito constrói a si mesmo. No caso do professor Braz, vemos vários momentos de mudança de rumo na história pessoal que o levou a uma identidade específica. O mundo infantil, vivenciado na fazendola, no lombo do cavalo do pai, ouvindo suas histórias, mudou quando passam a morar na cidade. A escolarização formal em Catalão, o ingresso no Ginásio Siena é modificado quando vai para o seminário. A volta para Catalão, a ida para Goiânia e o retorno, depois de ficar doente e o término dos estudos juntos com o emprego de bibliotecário e os primeiros escritos anunciam outro Braz. Articulado com o seu tempo e lugar, monta o escritório de contabilidade e depois faz por 4 anos o curso de Direito em Uberlândia. E joga tudo para o ar novamente, abandonando o Direito e indo cursar Letras em Goiânia, entrando definitivamente na carreira docente. E, talvez, quando assume

13 Em 2009 o Campus Catalão conta com 20 cursos de graduação, um mestrado em Geografia e cursos de especialização lato sensu.

14 Na época, havia uma proibição estatal de contratação de professores para as Universidades Federais.

a responsabilidade de coordenar o novo curso de Letras em Catalão, em 1986, caminha para outro perfil, diferente dos demais.

Esta síntese não é e nem pode ser definitiva. Estamos trabalhando com a idéia de que estes momentos de vida possam ter singularizado um modo de ser identitário do professor Braz.

A segunda, arriscamos a dizer, está na versão de que formar-se é se transformar. Indaguei ao professor Braz, quais seriam as prioridades para um professor quando ele passasse a se ver como um professor

B – Oh, essa pergunta fica assim meio, meia cabrera, né?

W – Por que cabrera?

B – Não, porque talvez eu possa falar a respeito de eu mesmo

W – sim, a sua experiência. A partir da sua experiência mesmo [...]

B – eu acho que a pessoa tem [...] pensando em termos de Universidade, ele tem que ter uma idéia de Universidade. O quê que vem a ser uma universidade, certo. Eu formei essa idéia para mim. Então para mim a Universidade é uma instituição social em cujo interior há uma prática específica. Essa prática é o conhecimento, sobre o conhecimento. Então essa prática a respeito do conhecimento, eu teria a construção ou produção do conhecimento; a transmissão do conhecimento; a conservação do conhecimento, principalmente esses três, tem mais outras coisas, mas vamos ficar. Na construção eu teria a pesquisa; na transmissão eu teria o ensino; na conservação eu teria, por exemplo, museu, biblioteca, esses lugares onde

nós vamos guardar. Por exemplo, você está fazendo um trabalho de memória que você vai guardar isso aí. Então é uma conservação do conhecimento, uma conservação do saber. A partir disso, eu tenho que pensar nessas três coisas. Quer dizer, eu não posso pensar: eu vou dar aula. Isso eu não posso pensar, certo. Eu vou dar aula sim, porque a sala de aula para mim ela é importante porque pra mim ela é meu laboratório, certo. Na verdade ela é o meu laboratório. Mas eu tenho que fazer pesquisa. É lógico que eu vou começar com pesquisa bibliográfica, que vai me servir para o ensino. Mas eu tenho que pensar também nisso aqui, na conservação.

As palavras são de um professor maduro, que passou por diversas experiências educacionais, mas que agregou ao pensamento uma concepção de Universidade e de Ciência vinculadas ao que viu e ao que fez. Ele, por exemplo, destaca a função de extensão da Universidade (calcada sob o ensino, pesquisa e extensão). Para ele é difícil pensar extensão do conhecimento sem ensino e pesquisa.

Antônio Nóvoa, ao prefaciar o livro *História e Histórias de vida. Destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense*, diz: “Durante muito tempo o mundo foi visto como representação. Impõe-se, agora, vê-lo também como experiência, o que obriga à invenção de uma nova epistemologia do sujeito” (Abrahão, 2004, p. 9). As experiências dos professores, particularmente a do professor Braz dão-nos uma ligeira idéia do quanto a História da Educação no Brasil, e em especial em Goiás, tem a ganhar com suas memórias e histórias de vida.

REFERÊNCIAS

- Abrahão, M.H.M.B. (2004), Construindo histórias de vida para compreender a educação e a profissão docente no Estado do Rio Grande do Sul, em: Abrahão, M.H.M.B. (Org.), *História e Histórias de Vida – Destacados Educadores Fazem a História da Educação Rio-grandense*, 2ª ed., Porto Alegre, EDIPUCRS.
- Bandeira, Y. D. (2006), História oral e construção da história de vida, em: Souza, E.C. & Abrahão, M.H.M.B. (Orgs.), *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*, Porto Alegre, Salvador, EDIPUCRS/UNEB.
- Canetti, E. (1990), O diário do Dr. Hachiya, de Hiroxima, em: *A consciência das palavras: ensaios*, São Paulo, Companhia das Letras.
- Grele, R. J. (2006), La fluidez entre el pasado y el presente, Revista *História, antropología y fuentes orales*, Barcelona, España, Asociación Historia y Fuente Oral, número 36, pp.73-78.
- Honório Filho, W.; Alencar, A. C. (2008), O professor e a cultura didática do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão-GO, 1965-1983, *Cadernos da FUCAMP*, Vol. Ano 7, pp. 47-62.
- Honório Filho, W.; Campos, C. A. (2007), O Centro de Formação de Professores de Catalão e suas relações com o Regime Militar: Catalão-GO, 1965-1983, *Cadernos de História da Educação (UFU)*, Vol. 6, pp. 221-235.
- Josso, M.C. (2004), Experiências de vida e formação, São Paulo, Cortez.
- Josso, M.C. (2006), Prefácio, em: Souza, E.C. & Abrahão, M.H.M.B. (Orgs.), *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*, Porto Alegre, Salvador, EDIPUCRS/UNEB.
- Moita, M. C. (1992), Percursos de formação e de transformação, em: Nóvoa, A. (Org.), *Vida de professores*, Porto (Portugal), Porto Editora.
- Nóvoa, A. (1992), Os professores e as Histórias da sua Vida, em: Nóvoa, A. (Org.), *Vida de professores*, Porto (Portugal), Porto Editora.
- Silva N. & Costa, P. C. A (2008); Autobiografização mútua na pesquisa sobre a formação dos professores por meio das histórias de vida: algumas considerações epistemológicas, em: *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Salvador, Vol. 17, nº 29, pp. 51-66, jan./jun.
- Silva, M.J. (2009), *A História do Campus Avançado de Catalão da Universidade Federal de Goiás 1983-2002*, Goiânia-GO, Editora da UCG.
- Teixeira, R. (1986), *Album perfil*, São Paulo, Sony.
- Vasconcelos, S.M.F. (2006), Professor: que história é essa? em: *Revista Educação em Questão*, Natal, Vol. 25, nº 11, pp. 62-79, jan./abr.

Entrevista

Entrevista realizada nos dias 16 e 23 de março de 2009, com o professor Dr. Braz José Coelho.